



A LIBERDADE PRÉ-CÓDIGO

Sexo, imoralidade, insurreição no cinema americano. Hollywood proibida. Quando os filmes eram sexy, cáusticos, complexos e muitíssimo divertidos. Regras feitas para serem não-cumpridas. Filmes sem escrúpulos e sensacionalistas ou sofisticados e adultos. São expressões contemporâneas de referência retrospectiva e falam de desassombro.

Trata-se do cinema de Hollywood. Da Hollywood pré-Código, a que a Cinemateca dedicou um primeiro Ciclo em 2006 e que tem ganhado visibilidade com a série de materiais resgatados aos arquivos e a consequente programação de filmes e ciclos temáticos, simultaneamente estimulando o estudo específico dessa era dos estúdios. Na história do cinema, que se firmava a Ocidente, na Califórnia, é uma época imediatamente seguinte à da passagem do mudo ao sonoro, com o advento do cinema falado (dos *talkies*), em 1927. Concentra-se entre 1930 e 1934, anos que assinalaram a implementação tentativa e, por fim, a obrigatoriedade de aplicação, em versão restritiva, do Motion Picture Production Code, mais conhecido como *Código Hays*. Quando o cinema de Hollywood era desbragado, solto, não-refreado no que tocava a sexo, álcool, drogas, crime, prostituição, miscigenação, representações de comportamentos e modos de vida que seriam banidos dos ecrãs por muitos e muitos anos.

A partir de 1934, o controlo interno dos estúdios aconteceu por via do Código que estabeleceu as regras consentidas pela indústria atendendo a conteúdos, e viabilidade comercial, em reação a pressões crescentes das elites religiosas e ideológicas em prol do respeito dos “princípios morais”, dos “bons costumes”. Assumindo a indústria do cinema de Hollywood uma vocação de entretenimento não aliável a percepções chocantes, terá sido uma forma de, preservando a autonomia, os estúdios neutralizarem a atividade das muitas comissões de censura locais e evitarem um controlo federal. Os primeiros acordos tendo em vista a auto-regulação foram anteriores aos anos 1920 – *Thirteen Points*, *Formula*, *The Don'ts and Be Carefuls* foram títulos de documentos publicados pelos produtores e distribuidores – e a nomeação de William H. Hays para a presidência da Motion Picture Producers and Distributors of America (MPPDA) seguiria essa política, ligando o seu nome à censura em Hollywood.

“A multiplicação dos escândalos hollywoodianos e as ameaças anti-*trust* contra o oligopólio dos distribuidores mobilizavam a maior parte das intervenções do presidente da MPPDA [em 1922]. Hays define e impõe uma forma do ‘politicamente correto’ que se aproxima de uma ‘fábrica do contentamento’ (e do consentimento). O estudo da elaboração do Código de Produção dá a conhecer uma parte das suas atividades, nas quais se excedeu politicamente, mas revela também a amplitude da sua influência, que marcou decisivamente a indústria do cinema dos anos 1920 aos anos 1940.” Compilando as versões preparatórias e definitiva do Código, *Le Code Hays* de Francis Bordat Frédéric Cavé (2023) propõe uma genealogia do Código e um curioso elogio a William Hays que desconstrói em parte a sua “má fama”, apontando à posição de cúmplice da comunidade de Hollywood e de mentor de uma “política da indecisão” assente em estratégias de comedimento que podiam expor os filmes “a explicações (e satisfações) múltiplas e por vezes contraditórias”, a uma ambiguidade que permite “uma transgressão tolerável dos interditos. E fazer do cinema clássico uma arte que pode dizer tudo”.

Factualmente o intervalo de tempo da Hollywood pré-Código é contemporâneo de discussões à volta de censura e auto-censura face a acusações de imoralidade: um núcleo de filmes encarou possibilidades narrativas indiferentes a supostos limites sociais-culturais, deu existência a personagens bravias, sendo inventivo e experimentando um fôlego raro. Selvagens, perigosos, corajosos, divertidos, os filmes pré-Código atravessaram géneros e protagonistas. Mas ficaram associados às estrelas não cadentes Joan Blondell, Humphrey Bogart, James Cagney, Bette Davis, Marlene Dietrich, Cary Grant, Jean Harlow, Katharine Hepburn, Miriam Hopkins, Fredric March, os Marx, Edward G. Robinson, Ginger Rogers, Norma Shearer, Sylvia Sydney, Barbara Stanwyck, Spencer Tracy, Mae West, Loretta Young... ou Ruth Chatterton e Warren William, Theresa Harris e Anna May Wong... e até John Wayne (em *BABY FACE*).

Em 2024 na Cinemateca, “A liberdade pré-Código” propõe uma vintena de títulos produzidos e realizados em 1930-1933 que revisitam a elementar bravura de Hollywood nesses anos, dando primazia a filmes que não inibiram os bons-maus costumes das ou nas margens. Numa espécie de coincidência feliz, vários deles têm a assinatura de William A. Wellman. O programa concentra-se em março, mas terá um posfácio em junho, quando poderão ser vistos *PART TIME WIFE*, de Leo McCarey (1930), e *THE STORY OF TEMPLE DRAKE*, de Stephen Roberts (1933), por disponibilidade das cópias 35 mm, provenientes dos EUA.





MAN'S CASTLE



BABY FACE

Março 2024

Sexta-feira [01] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

Quinta-feira [28] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

MAN'S CASTLE

A Vida É Um Sonho

de Frank Borzage

com Spencer Tracy, Loretta Young, Marjorie Rambeau, Glenda Farrell, Walter Connolly

Estados Unidos, 1933 – 75 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um filme assombroso que equaciona a miséria da Depressão e a pura poesia. Spencer Tracy e Loretta Young nos papéis de um casal que sobrevive ao drama social numa história de amor pela qual passa a honestidade e a responsabilidade, nem sempre amorosas. “Frank Borzage foi o maior romântico do cinema americano, sempre consciente do contexto dos seus romances. A sua abordagem baseava-se num paradoxal e desafiador ‘irrealismo’, evidente neste [filme] excepcional. MAN'S CASTLE tem lugar num bairro de lata [...] Um ambiente que qualquer outro filme retrataria pela desolação transforma-se aqui num mundo orgulhosamente romântico e onírico. [...] O cósmico e o íntimo são uma unidade.” (Peter von Bagh, citado pelo festival Il Cinema Ritrovato 2023) Na última passagem do filme na Cinemateca, em 2002, Manuel Cintra Ferreira notava a linhagem da personagem de Tracy em SEVENTH HEAVEN, qualificando-a como uma das mais fascinantes do universo de Borzage e a mais próxima de Charlot. Entre as cenas mais fulgurantes, um banho ao luar; as estrelas observadas por um alçapão improvisado. A apresentar em cópia digital.

Sábado [02] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

MADAM SATAN

Madame Satan

de Cecil B. DeMille

com Kay Johnson, Reginald Denny, Roland Young, Lilian Roth

Estados Unidos, 1930 – 105 min / legendado em português | M/12

MADAM SATAN reata com os delirantes filmes realizados por Cecil B. DeMille no período mudo, protagonizados por Gloria Swanson, que por esta altura era uma estrela de Hollywood empenhada na sua participação na United Artists (na qual, no período pré-Código, filmou a primeira versão de INDISCREET de Leo McCarey). Este DeMille com Kay Johnson, uma produção MGM, é uma incursão parcial no musical e culmina num espetacular baile de máscaras durante o qual uma mulher seduz o próprio marido, a bordo de um dirigível que sobrevoa Nova Iorque. É também uma comédia de alcova, em que o adultério é visto como terapia de choque para o casamento. “É a genialidade na mudança de registos e a capacidade do cineasta de combinar e fundir todos os géneros, na mais anárquica das liberdades narrativas. A comédia de alcova que se torna apoteose musical, a apoteose musical que se torna catástrofe, a catástrofe que se torna melodrama, o melodrama que se torna comédia [...]” (João Bénard da Costa).

Segunda-feira [04] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

Sexta-feira [08] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

BABY FACE

A Mulher que nos Perde

de Alfred E. Green

com Barbara Stanwyck, George Brent, Alphonse Ethier, Henry Kolker, Margaret Lindsay, John Wayne

Estados Unidos, 1933 – 76 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Especialmente polémico, especialmente alvo de acusações de indecoro à época, é um filme à medida de Barbara Stanwyck num dos seus arrasadores papéis de heroína imune aos constrangimentos impostos pela decência: aqui a história é a de Lily (Baby Face) e da sua ascensão social e financeira em Nova Iorque à custa do sexo. John Wayne surge num papel de juventude, de gravata, como um dos amantes da protagonista. A partir de uma história de Darryl F. Zanuck (assinada sob pseudónimo), BABY FACE foi um dos “títulos-escândalo” que levaram os estúdios a reforçar as medidas restritivas do Código de Produção e é um dos mais icónicos filmes pré-Código. A produção Warner era uma putativa resposta à MGM de RED-HEADED WOMAN com Jean Harlow. Os planos da fachada de um arranha-céus associados à ascensão vertiginosa da rapariga são um leitmotiv do filme, em que as portas são outro elemento a relevar. A apresentar em cópia digital.

Segunda-feira [04] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

Sexta-feira [08] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

NIGHT NURSE

de William A. Wellman

com Barbara Stanwyck, Clark Gable, Ben Lyon, Joan Blondell

Estados Unidos, 1931 – 72 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos primeiros filmes com Barbara Stanwyck, numa grande personagem feminina de Wellman, e no qual Clark Gable tem uma das suas primeiras aparições marcantes. É um surpreendente filme pré-Código, de energia transbordante, filmado no estilo duro e deliberadamente seco que caracteriza tantos e tão bons Wellman. Segue a história de uma enfermeira recém-formada que, no turno da noite, se confronta com um mundo de corrupta brutalidade e selvajaria a que falta compaixão. A sequência inicial que segue uma ambulância em corrida acelerada pela cidade é de antologia, como de antologia é o desfecho, de novo motorizado, e em que um homicídio rima com a ligeireza da corrida em happy end. Raras vezes se viu em projeção na Cinemateca. A apresentar em cópia digital.

Segunda-feira [04] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

Terça-feira [12] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

A FREE SOUL

Uma Alma Livre

de Clarence Brown

com Norma Shearer, Leslie Howard, Lionel Barrymore, Clark Gable, James Gleason, Lucy Beaumont

Estados Unidos, 1931 – 94 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Na base do argumento está uma peça e na base dessa peça está o romance de Adela Rogers St. Johns (1927, editado na Cosmopolitan). O espírito livre do título é, no filme, interpretado por Norma Shearer, a fabulosa atriz que Mick LaSalle, autor de dois estudos pré-código, defende como uma “feminista pioneira”, “exemplar da condição da mulher moderna sofisticada”, a atriz americana que primeiro encarnou a aceitabilidade e a elegância de “ser solteira e não ser virgem no ecrã”. No filme de Clarence Brown, imaginado pós THE DIVORCEE (Robert Z. Leonard, com Shearer, 1930), a sua personagem chama-se Jan e é filha de um advogado alcoólico (Lionel Barrymore) que defende um gangster de uma acusação de homicídio (Clark Gable, no papel que lhe deu fama); é por este bandido que Jan se apaixona não obstante o relacionamento que mantém com o namorado gentil, menos atrativo sexualmente (Leslie Howard). Complexo nos meandros psicológicos, equacionando

questões de classe e vícios privados, A FREE SOUL foi mostrado uma única na vez na Cinemateca, em 1993, por ocasião de um programa Leslie Howard. A apresentar em cópia digital.

Terça-feira [05] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

SHE DONE HIM WRONG

Uma Loira para Três

de Lowell Sherman

com Mae West, Cary Grant, Gilbert Roland, Noah Beery

Estados Unidos, 1933 – 66 min / legendado em francês e eletronicamente em português | M/12

“Mae West gives a ‘hot time’ to the nation” pregava o sensacional cartaz, com o rosto da atriz de olhos semicerrados, lábios vermelhos como o fundo da imagem. Supra-sumo do desbragamento hollywoodiano dos anos 1930, a atriz-cantora-argumentista-dramaturga era vista como um símbolo sexual, mestre em subentendidos, tiradas alusivas e espirituosas que perpassavam por falas como a que lança ao jovem Cary Grant em SHE DONE HIM WRONG: “Why don’t you come up sometime and see me?” Está nos diálogos celeberrimos deste filme essencial para se perceber o mito da hiperbólica Mae West. A partir da peça que a própria escreveu e interpretou na Broadway em 1928, Diamond Lil (cuja adaptação só foi autorizada sob a condição de ser omitida): na Nova Iorque de 1890, Lady Lou canta num saloon na Bowery e apaixonou-se por um jovem idealista, estando a história recheada de reviravoltas, com tráfico e prostituição à mistura. Esta produção Paramount causou muitos calafrios aos puritanos dos costumes e levou o pré-Código aos seus limites. A apresentar em cópia digital.

Quarta-feira [06] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

Quarta-feira [13] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

FEMALE

de Michael Curtiz (William Dieterle e William Wellman, não creditados)

com Ruth Chatterton, George Brent, Lois Wilson

Estados Unidos, 1933 – 60 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O sexo, o poder e a perspetiva feminina são os ingredientes de FEMALE, em que o abuso e o assédio são outros dados de partida, tudo se estruturando na inversão dos papéis convencionais feminino-masculino: Allison, a personagem de Ruth Chatterton, é proprietária e gerente de uma fábrica de automóveis, herdada do pai, e tem uma relação peculiar com os empregados do sexo masculino que tem por hábito convidar para efémeros encontros privados. Até que Jim, um inventor, lhe troca as voltas ao recusar uma das suas propostas de horário pós-laboral. William Dieterle e William A. Wellman têm responsabilidade não creditada na realização de algumas cenas. “Foi alvo da reprovação dos sectores conservadores de Hollywood que consideraram ‘repugnantes as tendências sexuais da protagonista’ e não encontraram ‘nenhuma justificação’ para esta história. Estranho seria.” (Maria João Madeira) A apresentar em cópia digital.

Quarta-feira [06] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

MERRILY WE GO TO HELL

Quando a Mulher se Opõe

de Dorothy Arzner

com Sylvia Sydney, Fredric March, Adrienne Allen, Richard “Skeets” Gallagher, Cary Grant

Estados Unidos, 1932 – 83 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um filme da década de 1930 pré-Código realizado por Dorothy Arzner, cujo título vem de uma fala de Fredric March e que deu brado pela incorreção política, extensível às linhas do argumento em que há, alcoolismo, romance, casamento, gravidez, adultério, abuso: em MERRILY WE GO TO HELL Sylvia Sydney é uma jovem rica que casa com um jornalista-dramaturgo alcoólico, a quem a dada altura propõe que mantenham “um

casamento moderno” em que a infidelidade dele tenha o reverso da dela. A relação das personagens é turbulenta, o filme é espampanante. Então quase desconhecido, Cary Grant surge no papel da conquista mais sedutora de Sidney. Foi a última realização de Arzner na Paramount. Mostrado pela primeira vez na Cinemateca em dezembro de 2019 num “double bill” (com LES AMOUREUX SONT SEULS AUX MONDE de Henri Decoin), é apresentado em cópia digital.

Quinta-feira [07] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

Segunda-feira [18] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

RED-HEADED WOMAN

A Mulher dos Cabelos Vermelhos

de Jack Conway

com Jean Harlow, Chester Morris, Lewis Stone, Leila Hyams, Una Merkel, Henry Stephenson, Charles Boyer

Estados Unidos, 1933 – 79 min / legendado eletronicamente em português | M/12

“Com que então os homens preferem as loiras? Ah.” O filme em que a estrela platinada dos anos 1930 Jean Harlow se transforma em ruiva parte do argumento adaptado de Anita Loos. A mulher de cabeleira ruiva é uma arrivista social com queda para seduzir homens que possam dar-lhe dinheiro e estatuto: é assim que casa com o patrão para quem trabalha como estenógrafa, se envolve com um industrial do carvão enquanto confraterniza com uma amiga espirituosa e um motorista atraente (interpretado por Charles Boyer, recém-chegado a Hollywood). O papel de Lil “Red” Andrews terá sido imaginado para Greta Garbo, e tanto Barbara Stanwyck como Clara Bow foram equacionadas, mas a personagem ficaria ligada à sexualidade desabrida da interpretação de Harlow. Foi um dos títulos que enfureceu os clubes moralistas e a Igreja católica que o apontaram como o falhanço do Código Hays pré-1934. Primeira apresentação na Cinemateca, em cópia digital.

Quinta-feira [07] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

Quarta-feira [13] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

DINNER AT EIGHT

Jantar às 8

de George Cukor

com Marie Dressler, Jean Harlow, John Barrymore, Walter Berry, Billie Burke

Estados Unidos, 1933 – 110 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Baseado numa peça de sucesso ambientada na alta-roda nova-iorquina, o argumento é de Frances Marion e Herman J. Mankiewicz, que George Cukor filma convocando um grande elenco de luxo para um trabalho de luxo com os atores. Trata-se de uma história de dinheiro, com personagens que nasceram ricas e outras que estão dispostas a ficá-lo, a qualquer custo. Num papel de arrivista vulgar, Jean Harlow tem um dos seus maiores desempenhos, mas a personagem mais inesquecível e divertida é a da veterana Marie Dressler. “Há um tema que passa pela situação de quase todas as personagens e que se prende com o passado, com o tempo e as ilusões perdidas [...] um daqueles momentos em que tudo vacila e em que as aparências e as essências são de novo recolocadas nos seus devidos lugares. É esse, no fundo, o trajecto das várias personagens.” (Luís Miguel Oliveira) Uma das primeiras obras-primas incontestadas de Cukor.

Segunda-feira [11] 21:45 | Sala M. Félix Ribeiro

Quarta-feira [20] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro



DAMAGED LIVES

de Edgar G. Ulmer

com Diane Sinclair, Lyman Williams, George Irving

Canadá, Estados Unidos, 1933 – 61 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Esta produção canadiana-americana foi filmada em 1933, em Hollywood, e inicialmente distribuída nos dois

países pela “Weldon Pictures” porque a Columbia não quis ficar associada “à temática”. A estreia teve problemas de censura; o filme só foi reposto de forma alargada em 1937 numa versão revista e acrescentada de “informação pedagógica” (THE SHOCKING TRUTH). Adaptando a peça francesa Les Avariés (1901) e partindo de um encontro sexual casual para abordar o flagelo das doenças venéreas, a história enreda as núpcias e a gravidez de uma rapariga com o rapaz que contrairá sífilis, e implica suicídio e um “final feliz”. Hoje é tido como um exploitation film pioneiro. “E que tudo isto se verifique em filmes de série B, feitos em poucos dias (DAMAGED LIVES teve uma semana de rodagem) mostra não só o talento de Ulmer mas o seu sentido de cinema.” (Manuel Cintra Ferreira) Foi mostrado uma única vez na Cinemateca, em 1993, por ocasião do programa “Edgar G. Ulmer”. A apresentar em cópia digital.

Quinta-feira [14] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

Sexta-feira [22] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE SIN OF NORA MORAN

de Phil Golstone

com Zita Johann, John Miljan, Alan Dinehart, Paul Cavanagh, Claire Du Brey, SHenry B. Walthall

Estados Unidos, 1933 – 65 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um melodrama proto-noir, ou uma singular fusão do clássico e do camp, conforme as perspetivas, também conhecido pelo título da reposição americana VOICE FROM THE GRAVE, pelo qual passa a crítica à pena capital: a protagonista, uma artista de circo que se torna amante de um político ambicioso, é condenada à morte por um crime que não cometeu, sacrificando-se para não prejudicar, com a verdade, aqueles que ama. Nesta produção série B da Majestic Pictures, Zita Johann interpreta esse papel da mulher vitimizada e caída em desgraça libertina, estando a singularidade do filme numa estrutura narrativa complexa que o aproxima de um registo formal onírico, pelo uso de flashbacks, flashbacks no interior de flashbacks, flash-forwards. “Perturbador, alucinado, artístico, sem escrúpulos – pode bem ser o melhor filme série B dos anos 1930.” (UCLA) Primeira apresentação na Cinemateca, em cópia digital.

Sexta-feira [15] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

Sexta-feira [22] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE POWER AND THE GLORY

O Poder e a Glória

de William K. Howard

com Spencer Tracy, Colleen Moore, Ralph Morgan, Helen Vinson, Philip Trent

Estados Unidos, 1933 – 76 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Tem título de romance mas é anterior a 1940, data da publicação do conhecido livro de Graham Greene. “Este pré-Kane, esta obra-prima injustamente esquecida” – chamou-lhe Manuel Cintra Ferreira –, resulta do primeiro argumento de Preston Sturges, que se terá inspirado na história verídica de C. W. Post, fundador da Postum Cereal Company, para escrever as aventuras e desventuras de um típico self-made-man americano. THE POWER AND THE GLORY tem sido apontado como uma espécie de matriz de SULLIVAN’S TRAVELS, escrito e realizado por Sturges em 1941 em modo screwball, e sobretudo um CITIZEN KANE avant la lettre, pela novidade do recurso a uma narrativa descontínua. Há mais trunfos: Spencer Tracy no seu auge e a extraordinária fotografia do enorme James Wong Howe. A apresentar em cópia digital.

Sábado [16] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

Quinta-feira [21] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

TWENTIETH CENTURY

O Século XX

de Howard Hawks

com John Barrymore, Carole Lombard, Walter Connolly, Roscoe Karns

Estados Unidos, 1934 – 91 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Talvez a melhor das grandes comédias de Howard Hawks sobre a “guerra dos sexos”, contada num ritmo alucinante, à velocidade do comboio expresso Twentieth Century, que lhe dá o título. É um dos grandes filmes da screwball americana, centrado numa história de bastidores da Broadway, com Hollywood à vista. Carole Lombard revelou-se aqui uma grande estrela e John Barrymore tem neste filme possivelmente a maior das suas criações, no papel de um empresário excêntrico e megalómano (diz-se que parcialmente decalcado de Sternberg) capaz de tudo para conseguir contratar uma atriz famosa, sua ex-mulher, para a companhia que dirige. Quando o teatro é maior que a vida, vale tudo para levantar um espetáculo. A apresentar em cópia digital.

Terça-feira [19] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

Quinta-feira [21] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE PUBLIC ENEMY

de William A. Wellman

com James Cagney, Jean Harlow, Edward Woods, Joan Blondell, Donald Cook, Leslie Fenton, Mae Clarke

Estados Unidos, 1931 – 83 min / legendado electronicamente em português | M/12

A partir de um argumento baseado no romance não publicado Beer and Blood de dois jornalistas contemporâneos das ações criminosas de Al Capone em Chicago, THE PUBLIC ENEMY estabeleceu a personalidade do gangster nos filmes dos anos 1930, alinhando um trio arquétipo com LITTLE CAESAR de Mervin LeRoy e SCARFACE de Howard Hawks. Assim se disseminou o filme de gangsters tornando-o alvo especial da vontade de regulação censória do Código de Produção. Poderoso retrato do período da Lei Seca americana, revelou James Cagney que, na pele de Tom Powers, jovem aventureiro transformado num perigoso bandido, profere a mais célebre réplica de um filme de gangsters: “I ain’t so tough.” É também neste filme que James Cagney protagoniza planos alucinantes e cenas inesquecíveis. “O que faz de PUBLIC ENEMY um filme sem rival no seu género é a energia que Wellman lhe incute [...e um] abalo telúrico” (Manuel Cintra Ferreira).

Terça-feira [19] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

Terça-feira [26] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

BLONDE CRAZY

de Roy Del Ruth

com James Cagney, Joan Blondell, Louis Calhern, Noel Francis, Ray Milland, Guy Kibbee

Estados Unidos, 1931 – 79 min / legendado eletronicamente em português | M/12

James Cagney e Joan Blondell, um par formado na Broadway e recorrente em sete produções da primeira metade dos anos 1930 (a primeira delas o mais famoso THE PUBLIC ENEMY), interpretam as personagens de um paquete e de uma criada que se tornam uma dupla temível como chantagistas de homens casados a quem preparam armadilhas condicentes no hotel onde trabalham. Os diálogos são rápidos, a inspiração livre, inenarrável o delírio. O título evoca o tom platinado do cabelo de Blondell e a expressão enlouquecida “gone crazy”. Uma das falas de Cagney ficou célebre: “That dirty, double-crossin’ rat!” e foi BLONDE CRAZY a firmar a sua versatilidade como ator. “O sexo seria o primeiro demónio a exorcizar pelo Código [de produção adotado em 1930 numa primeira “versão ligeira”], a violência o seguinte” e neste filme o criminal entronca na comédia com o protagonista a demonstrar toda a sua aptidão física, estilo vocal, sentido rítmico, singularidade da presença no ecrã. Primeira apresentação na cinemateca, em cópia digital.

Segunda-feira [25] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

Quarta-feira [27] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

SAFE IN HELL

de William A. Wellman

com Dorothy Mackaill, Donald Cook, Ralf Harolde, Morgan Wallace,

John Wray, Clarence Muse, Nina Mae McKinney

Estados Unidos, 1931 – 73 min / legendado electronicamente em português | M/14

É de uma crueza surpreendente. Conta-se entre os títulos sórdidos da era pré-Código. “*Not for children.*” SAFE IN HELL é estarrecedor de sombrio, duríssimo na caracterização das personagens num cenário tropical tornado prisão: Dorothy Mackaill interpreta uma call girl de Nova Orleães que, fugindo a uma acusação de homicídio com a ajuda do namorado marinheiro, dá por si numa ilha onde fica sozinha, exposta a um calor sufocante e ao convívio com uma população de foragidos à justiça. A salvo, no inferno, a personagem está rodeada “de uma das mais sinistras galerias que o cinema americano jamais juntou”. “O clima de estranheza e a forte carga dramática fazem de SAFE IN HELL uma das obras maiores de Wellman.” (Manuel Cintra Ferreira) Note-se a relevância da presença dos atores afro-americanos Clarence Muse e Nina McKinney, que interpreta um tema (de Muse com Léon e Otis René) que se tornaria um clássico do jazz, *When It’s Sleepy Time Down South*. Foi mostrado uma única vez na Cinemateca, em 1993, por ocasião do programa “Redescobrir William Wellman”. A apresentar em cópia digital.

Segunda-feira [25] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

Quarta-feira [27] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

TROUBLE IN PARADISE

Ladrão de Alcova

de Ernst Lubitsch

com Herbert Marshall, Miriam Hopkins, Kay Francis

Estados Unidos, 1931 – 80 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Das obras mais cínicas e perfeitas de Lubitsch, TROUBLE IN PARADISE leva a extremos os temas centrais do seu cinema, o sexo e o dinheiro. Um vigarista e uma vigarista encontram-se num hotel de luxo em Veneza, tentam roubar-se um ao outro e decidem formar um par. O filme é uma comédia sobre enganar e mistificações, sobre ladrões de luva branca e joias preciosas, ladrões de e na alcova, para quem o roubo é um estimulante erótico, o prolongamento natural do amor. Um duelo de virtuosismos na tela e atrás da câmara, com diálogos atrevidíssimos, que em breve se tornariam impossíveis com a severidade do famigerado Código Hays. “Graças a Deus, em 1931, os códigos ainda permitiam que o crime compensasse. E que a arte de Lubitsch fosse como aqui é: a absoluta elisão da absoluta irrisão.” (João Bénard da Costa) A apresentar em cópia digital.

Quinta-feira [28] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

CHRISTOPHER STRONG

O Que Faz o Amor

de Dorothy Arzner

com Katharine Hepburn, Colin Clive, Billie Burke, Helen Chandler, Ralph Forbes

Estados Unidos, 1933 – 78 min / legendado eletronicamente em português | M/12

CHRISTOPHER STRONG tornou-se um título de culto nos anos 1970 feministas. Em 1933, ainda pré-Código, com argumento de Zoë Akins na linha original do cinema de Arzner, era o segundo filme de Katharine Hepburn e o primeiro da atriz num papel principal: Lady Cynthia é uma temerária aviadora convicta da sua independência que se apaixona – com inadvertida correspondência – por um homem casado, sendo amiga da filha e da mulher deste (extraordinária Billie Burke). Não corre bem, não há final feliz. Pauline Kael referiu-o como “um dos raros filmes contados na perspetiva sexual de uma mulher”. Ainda que o desfecho fatal baralhe a ousadia da abordagem, restaurando a norma (ser mulher, ter em simultâneo uma carreira e um relacionamento amoroso, que além do mais desafiava a conjugalidade e não negava a decência, seria demais mesmo na Hollywood pré-Código), CHRISTOPHER STRONG navega uma assinalável complexidade. É também o filme em que Hepburn é esplendorosa no seu fato completo de aviadora e espampanante quando enverga um colante traje prateado para ir a uma festa como se viesse de outro planeta. A apresentar em cópia digital.

Junho 2024

PART TIME WIFE

de Leo McCarey

com Leila Hyams, Edmund Lowe, Tom Clifford, Walter McGrail, Sam Lufkin

Estados Unidos, 1930 – 67 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Leo McCarey dedicou-se, nos anos 1930, ao delírio da screwball popularizada nos anos iniciais da Grande Depressão, pelas voltas dadas à comédia romântica, com enredos que distinguiam papéis femininos desafiadores da masculinidade dos protagonistas homens. Assim tentavam evitar-se os constrangimentos da versão mais dura do Código Hays, em vigor a partir de 1934. PART TIME WIFE é pré-Screwball e pré-código, um protótipo screwball, com a hoje “desconhecida” Leila Hyams. McCarey referia-o “muito divertido”, uma espécie de esquisso para THE AWFUL TRUTH (1937): Hyams interpreta a personagem de uma mulher que adora golfe e cujo marido decide aprender o dito jogo para voltar a conquistá-la. Restaurado pela UCLA apesar da perda de uma bobine (que não afecta a continuidade narrativa). Mostrado uma única na vez na Cinemateca, em 1991, por ocasião de um programa Leo McCarey.

THE STORY OF TEMPLE DRAKE

Levada à Força

de Stephen Roberts

com Miriam Hopkins, Jack La Rue, William Gargan

Estados Unidos, 1933 – 71 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Realizado por Stephen Roberts com uma impressionante fotografia de Karl Strauss, o filme parte de Sanctuary de William Faulkner (1931), romance que trata do rapto e violação de uma rapariga da classe alta do Mississippi em plena Lei Seca, causou polémica e firmou o nome do escritor. Na adaptação da Paramount a crueza da fonte literária foi mitigada, mas, ainda assim, a “indecência” do filme deu brado e terá contribuído para o reforço restritivo do Código de Produção Hays a partir de 1934. É um filme duríssimo, sombrio, com cenas de inusitada brutalidade, como a da (sugestão de) violação, “desenhada” por Jean Negulesco. Temple Drake é interpretada por Miriam Hopkins, que no mesmo ano foi a Gilda de DESIGN FOR LIVING e que na sua jovem filmografia contava já com outros dois fabulosos Lubitch (SMILING LIEUTENANT e TROUBLE IN PARADISE) e um extraordinário Mamoulian (DR. JECKYL AND MR. HYDE). A atriz falava de Temple Drake como uma personagem favorita pela sua complexidade emocional. É uma das suas maiores criações. Primeira apresentação na Cinemateca.

VENDA DE BILHETES

Bilheteira Local (ed. Sede — Rua Barata Salgueiro, nº 39)

Segunda a Sexta-feira, 14h30-15h30 e das 17h30-22h | Sábados 14h-21h30

Bilheteira On-line www.cinemateca.bol.pt

Modos de pagamento disponíveis:

Multibanco (*) — MB Way — Cartão de Crédito — Paypal (**)

(*) O pagamento através de Referência Multibanco tem um custo adicional de 0,50€ para montantes inferiores a 10,00€ (**) O pagamento através de Paypal tem um custo adicional de 0,40€ para montantes inferiores a 30,00€

A aquisição de bilhetes em www.cinemateca.bol.pt e nos pontos de venda aderentes tem custos de operação associados no valor de 6%, acrescidos de IVA, sobre o valor total da compra.

Mais informações: www.bol.pt/Ajuda/CondicoesGerais

Pontos de venda aderentes (consultar lista em www.bol.pt/Projecto/PontosVenda)
Programa sujeito a alterações.

CAPA:

THE STORY OF TEMPLE DRAKE

RUA BARATA SALGUEIRO, 39 LISBOA
www.cinemateca.pt



cinemateca
portuguesa
MUSEU DO CINEMA, IP

